

OS RECURSOS CONVERSACIONAIS E ARGUMENTATIVOS NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS NO DISCURSO DOS JUSTICEIROS

Ana Cláudia Alves de SOUZA⁴

Resumo: Tendo em vista que o discurso midiático transmite uma “visão tubular” dos acontecimentos, a pesquisa consiste em analisar como se constrói a argumentação de dois programas televisivos que se valem do chamado “discurso dos justiceiros”, isto é, dos apresentadores de telejornais sensacionalistas, e como que essa construção leva à manipulação em detrimento da argumentação. No âmbito da visão sociointeracional da linguagem, considera-se esta pesquisa uma discussão interdisciplinar, já que recorre a pressupostos da Análise do Discurso (AD) francesa e também da Análise da Conversação (AC), os quais contribuem para a construção da argumentação com vistas à persuasão.

Palavras-chave: Argumentação. Discurso. Ideologia. Mídia. Persuasão.

Abstract: Considering that the media discourse transmits a "tunnel vision" of events, this study aims at examining how the arguments of two television programs that make use of the "discourse of righteous" of sensationalist television news presenters are built and how that construction takes over the handling of the argument. Under the sociointeracional language perspective this research leads to an interdisciplinary discussion, since it relies on assumptions of French Discourse Analysis (DA) and also the Conversation Analysis (CA), which contributes to the construction of arguments with the intention of persuasion.

Key words: Argumentation. Discourse. Ideology. Media. Persuasion.

INTRODUÇÃO

A pesquisa consiste em analisar os recursos conversacionais e argumentativos utilizados no discurso dos justiceiros com vistas à persuasão.

No âmbito da visão sociointeracional da linguagem, considera-se esta pesquisa uma discussão interdisciplinar, já que recorre a pressupostos da Análise do Discurso (AD) francesa e da Análise da Conversação (AC). No que diz respeito à última, será ancorada particularmente em Marcuschi (2007).

E quem são os justiceiros? São os apresentadores de jornais sensacionalistas, que, além de passarem a informação, agem como verdadeiros donos da boa moral e dos bons costumes. Esse tipo de discurso midiático é altamente persuasivo, já que o apresentador tem a intenção de levar o público espectador a sentir-se injustiçado junto com a vítima e contra quem

⁴ Graduada em Letras pelo Centro Universitário Padre Anchieta, em 2010.

praticou a má ação. Os programas analisados serão: *Record Notícias*, apresentado por Luciana Liviero; e *Brasil Urgente*, apresentado por José Luiz Datena.

O que motivou esta pesquisa foi o fato de analisar a construção conversacional e argumentativa do discurso dos justiceiros, por ser um texto de grande veiculação. E ainda, observar que os textos persuasivos, em geral, apresentam basicamente as mesmas estratégias de linguagem: signo fechado, transparência no discurso, entre outras. Portanto, analisar esse tipo de texto é muito válido para se adquirir, inclusive, um conhecimento geral sobre a construção de um texto persuasivo, o que pode trazer vantagens ao ensino-aprendizagem de gêneros textuais.

O discurso dos justiceiros apresenta certas características próprias, que deixam às claras as relações existentes entre retórica, ideologia e persuasão. Partindo de uma visão dialógica do signo proposta por Bakhtin (1979), pretende-se demonstrar como os signos enunciados revelam as marcas das instituições que lhe dão origem. E ainda, como esta pesquisa visa a analisar o discurso dos justiceiros ancorada na análise da conversação (AC), cabe colocar que a leitura de Marcuschi (2007) será indispensável.

A proposta fundamental deste artigo é analisar como os recursos argumentativos e os da Análise da conversação (AC) contribuem para a análise desse tipo de discurso persuasivo. Portanto, busca-se demonstrar como toda a construção conversacional não diz respeito somente à estrutura, mas sim à persuasão do e no discurso.

Sabe-se que um dos riscos da cultura de massas é a “visão tubular” dos acontecimentos, isto é, passar a visão de uma parte só da realidade, ferindo uma das condições da argumentação, que é argumentar de forma honesta e transparente, agir de forma ética para conquistar credibilidade. Uma questão se levanta: o excesso de transparência, conseguido por

meio de recursos linguísticos e prosódicos, não acaba levando à manipulação em detrimento da argumentação?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Orlandi (1983) fala sobre as três tipologias discursivas: o polêmico, o lúdico e o autoritário. O discurso dos justiceiros encaixa-se dentro do discurso autoritário, pelo fato de a linguagem estar centrada no “eu”, não havendo uma interação de locutor-ouvinte. O signo se fecha, não há polissemia; o que há, segundo a autora, são paráfrases, já que a permanência do sentido é única.

Orlandi (1983) propõe quatro elementos que podem ser encaixados tanto no discurso polêmico como no autoritário: *distância*, *modalização*, *tensão* e *transparência*.

Trazendo esses elementos ao discurso dos justiceiros, Citelli (1985) diz que nesse discurso há uma *distância*, pois a voz do enunciador acaba sendo mais forte do que a própria notícia; há uma *modalização* marcada de hipérboles e adjetivos; há uma *transparência*, pois a informação é facilmente decodificável, embora algumas vezes haja ironia. Citelli (1985) amplia as características do discurso dos justiceiros, demonstrando que seu efeito persuasivo se deve também ao *caráter unidirecional da linguagem* (relacionado à *tensão*), já que o falante domina o discurso; ao *jogo com o elemento emocional*, pois o receptor é dominado pelo discurso emocionalmente; e ao *trabalho com o inusitado*, isto é, o que interessa nesse tipo de discurso é o que é anormal.

Por ser esta uma pesquisa que envolve também a análise do discurso, não poderíamos deixar de pesquisar seu elemento mínimo, o signo. Por isso, partimos da visão de Bakhtin (1979) a respeito do signo ideológico, segundo a qual a palavra, para ser ideológica, não basta

ter um significado em si mesma, deve ter um significado exterior. Trazendo algo que está fora de si, a palavra é signo. Por exemplo, pão e vinho são palavras que têm significados em si mesmas enquanto corpos físicos de consumo, porém no cristianismo há outros significados que as transformam em signos ideológicos: corpo e sangue de Jesus. Portanto, o signo traz sempre a ideologia daquilo que se quer passar. E no discurso dos justiceiros isso não é diferente: cada signo escolhido traz uma marca, uma ideologia a fim do convencimento.

Como trabalhamos com um discurso altamente persuasivo, não poderíamos deixar de lado um breve estudo da retórica. Citelli (1986) diz que a retórica tem a função de ensinar as pessoas como construir as palavras a fim do convencimento. A retórica era conhecida na Grécia antiga como “a arte do bem falar”. Ela surgiu em uma época de democracia em que as pessoas tinham grande espaço para argumentar, expor suas teses.

Diferentemente de algumas filosofias, a retórica não defende a noção de *verdadeiro e falso*, e sim de *verossimilhança*. Há, como diz Abreu (2001), uma quebra do senso comum. Por exemplo, a retórica pode encarar uma traição do ponto de vista da amante e não da esposa, tentando entender os sentimentos da amante, os motivos que a levaram a se envolver com um homem casado etc. Não foi à toa que, até meados do século XX, a retórica foi muito mal vista. No entanto, hoje esse estudo foi beneficiado pelos estudos de outras ciências como a Linguística, a Análise do Discurso, entre outras, o que fez com que a retórica ganhasse seu lugar novamente.

A retórica está intimamente ligada à persuasão. E o que é persuasão? A persuasão, segundo Abreu (2001), está ligada ao emocional. É fazer com que o outro faça algo levado pela emoção, é fazer com que o outro sinta o que se está sentindo. Por sua vez, convencer é fazer com que o outro aceite a tese. Enquanto o convencimento diz respeito ao plano das ideias, da razão, a persuasão diz respeito ao plano da emoção.

Como foi dito na introdução, esta pesquisa está também ancorada na Análise da Conversação (AC). E qual o objetivo da AC? Descrever as estruturas conversacionais e seus mecanismos organizadores. A AC teve motivação nos estudos etnometodológicos: são estudadas as formas de as pessoas se apropriarem do conhecimento social no dia a dia e se analisa como são aplicados de forma metódica os saberes socioculturais.

Hilgert (1989), citado em Dionísio (2001, p. 70 e 71), por exemplo, aponta três níveis na estrutura conversacional: *macronível*: estuda a abertura e o fechamento da conversação, assim também como o tema central e seus subtemas; *médio*: analisa o turno conversacional, a tomada de turnos, a sequência conversacional e os marcadores conversacionais; *micronível*: investiga os elementos internos da fala: estrutura sintática, lexical, fonológica e prosódia. Vamos nos ater na estrutura *média*, no que diz respeito aos marcadores conversacionais e na estrutura *micronível*, isto é, aquela ligada ao nível sintático, fonológico e lexical da conversação.

Marcuschi (2007), fala sobre os marcadores conversacionais (MCs). Os níveis sintáticos e lexicais são marcadores verbais, já o nível fonológico, embora seja de natureza linguística, não é de caráter verbal, ele está dentro dos chamados recursos suprasegmentais. Dentro dos recursos suprasegmentais, além de vermos as entonações, veremos superficialmente as pausas que há dentro de um discurso. Marcuschi separa essas pausas em dois grupos: as pausas sintáticas e as pausas não sintáticas. As pausas sintáticas se dividem em dois grupos: as pausas de ligação, que funcionam no lugar de conjunções; e as pausas de separação, que delimitam um assunto e vêm acompanhadas de um abaixamento de voz. Depois temos as pausas não sintáticas, que também se dividem em dois grupos: as pausas de hesitação, que têm uma motivação cognitiva, que podem ter uma idiossincrasia; e as pausas de ênfase, que reforçam a atenção para algum sintagma.

Numa visão semiolinguística do discurso, os gêneros de informação, segundo Charaudeau (2006), apresentam dois desafios: de *visibilidade* e de *inteligibilidade*. Quanto à *visibilidade*, o autor levanta a questão em relação ao jornal impresso. Porém, é possível trazer essa questão ao jornalismo da televisão: há nos noticiários cenas que são escolhidas a dedo para serem mostradas. Não é tudo que é conveniente mostrar. Isso ocorre de acordo com a opinião que se deseja defender. Por exemplo, há um porquê em focar o rosto de uma pessoa envolvida em detrimento de outras, há um porquê em focar alguns lugares em detrimento de outros etc.

O princípio de *inteligibilidade*, por sua vez, diz respeito ao comentário da reportagem. Charaudeau (2006) constata que na reportagem há uma desordem social ou um enigma: como a mente humana tenta propor questionamentos, é por meio do jeito de relatar que surgem as respostas. Dessa forma, o princípio da inteligibilidade diz respeito aos questionamentos direcionados ao “fenômeno” da reportagem.

O mesmo autor ainda expõe os possíveis problemas do comentário midiático. Um dos problemas que ele aponta é o do *posicionamento*. Diz que o comentarista deve tomar partido na argumentação; sua argumentação não pode ser uma “gangorra” (CHARAUDEAU, 2006, p. 183) em que ora se apresentam os prós de um acontecimento, ora se apresentam os contras. Ao contrário, o comentarista deve ter um posicionamento claro. Veremos à frente como isso se concretiza em nosso *corpus*.

Outro conceito caro à análise é o de Gregolin (2003), que traz a noção de *espetacularização da cultura no discurso*. Aponta especificamente o discurso político, porém, fala sobre o discurso moderno na sociedade midiática de maneira geral. A autora afirma que, atualmente, o discurso se tornou um “produto de consumo” (GREGOLIN, 2003, p. 13). Os discursos são adaptados de acordo com o “hoje”, o “agora”, com o que mais chama

a atenção do público, o espalhafato... Isso pode ser visto na postura de um enunciador perante a uma determinada notícia: seu tom de voz, seus gestos, os adjetivos que usa etc.

Para que essa espetacularização ocorra do ponto de vista da AD, os acontecimentos discursivos são focalizados a partir de uma relação entre língua e história. O homem tem uma relação com a língua e a utiliza de acordo com a demanda do cotidiano, isto é, de acordo com a história contemporânea. Algo é dito, porque no momento é “permitido”, porque dá mais ibope, porque se encaixa a tal situação etc.

A televisão é um lugar de *espetacularização*, pois nela há o domínio do som e do visual. A televisão é o lugar de dois sistemas: o da palavra e o da imagem. Além disso, a televisão tenta articular três espaços: o espaço externo, onde ocorrem os acontecimentos públicos; o espaço interno, que é onde ocorre a cena midiática de representação da realidade; e há o espaço interno-externo, onde há uma relação do espaço interno com o espaço do telespectador. Desse modo, a instância midiática é pivô de duas instâncias: a instância referencial, quando olha o espaço que ela relata, o mundo exterior; e a instância de contato, quando olha para o telespectador que ela tenta emocionar.

Charaudeau (2006), por sua vez, sobre a televisão, ainda afirma que esta é uma “instância exibidora” com relação ao mundo exterior, e ao mesmo tempo é “instância exibida” em relação ao telespectador, sendo este último, a “instância que olha”.

Além dessas noções (espetacularização, inteligibilidade, visibilidade), que são relevantes para a análise do discurso dos justiceiros, Maingueneau (2001) traz as noções de corporalidade e ethos. A *corporalidade* corresponde à maneira de se vestir e de se movimentar no espaço social (MAINGUENEAU, 2001, p. 98). Enquanto que o *ethos*, neste caso, é o estilo do jornal: as maneiras físicas, ou seja, a forma dos discursos, o tipo de linguagem; e também o psíquico da figura do enunciador.

Em resumo, o *ethos* define o estilo do programa: o tom mais sério e formal, o tom mais descontraído, o tom oscilante entre o sério e o irônico. Esse tom, como iremos analisar no discurso dos justiceiros, por exemplo, faz com que o espectador “incorpore” a figura do enunciador, pois aquele se envolve emocionalmente com este. Isso decorre do fator inerente à persuasão: a emoção. Isso não só no discurso dos justiceiros, é claro, pois na publicidade, pode-se observar que as pessoas querem se “incorporar” aos padrões que a sociedade “impõe”. Então, a mulher que assiste a uma propaganda de shampoo, por exemplo, quer ser deslumbrante como a “diva” da televisão. Portanto, essa incorporação se faz presente em todo tipo de discurso de caráter persuasivo. No entanto, não é só o leitor ou o espectador que incorpora o que está sendo passado, o próprio enunciador “encarna” isso por meio da sua enunciação, (MAINGUENEAU, 2001, p.100).

Após essa fundamentação teórica, passa-se agora à análise.

ANÁLISE DE DADOS

A transcrição abaixo é do programa *Record Notícias*, com apresentação de Luciana Liviero e com os comentários de Percival de Souza. As regras de transcrição adotadas encontram-se em Dionísio (2001, p. 76), mas se baseiam em Marchuschi (2007).

L. e um jovem de QUINze anos de idade morreu ba-leado nas COStas...durante um cerco policial em São Paulo...ele era entregaDOR de pizza...e teria sido atingido por um disparo...de uma arma...de um policiAL militar...é e são pessoas simples né Percival de Souza boa tarde pra você ((vira e cumprimenta o comentarista)) que enFRENtam a: / o poDER e a autoridade...de policiais militares...a gente não sabe se esse é o caso...mas sabe que isso aconTEce...policiais que PRA justificar uma morte INdevida...falam que o jovem tava com uma arma: tava com drogas...exatamente o que foi alegado aí como eu disse...não podemos afirmar que neste caso...foi esta/ foi isso uma desCULpa...MAS em nota a: polícia militar disse que esses policiais envolvidos FORam sim

afastados PRA funções Administrativas...e que também foi aberto um inquérito pra apurar a responsabilidade Percival

P. boa tarde Luciana...a:/ o comando geral da polícia militar tem uma preocupação MUIto grande com () seus policiais nas ruas...isso institucionalmente é: absolutamente inquestionável...também inquestionável o: Luciana o seguinte detalhe...QUANDO alguém...é alvejado PELas costas...não há NENHUma história que convença...porque existe as figuras legais distrito cumprimento dever...defesa própria...defesa de terceiro...isso tá previsto em lei...agora tiro nas costas não tem conversa Luciana...foi um abuso...uma arbitrariedade...foi ilegal a ação...foi um/ uma desgraça...uma infelicidade...enfim os policiais não se comportaram de modo adequado ãh repito...não se justifica em hiPÓtese alguma o tiro pelas costas

L. eh e as mães indigNADAS...querem justiça vão à corregedoria como nós vimos aí...Exigir providências e exigir que essa morte...não fique aí::ãh: né?...sem um culpado...e que ainda pior que o filho morra...parecendo um bandido...que pelo que parece não era [né?

P. [é

L. você viu a comunidade toda ali se unindo...pra protestar contra a morte desse rapaz de QUINze anos de idade

P. e se vê Luciana...não se justifica o o tiro pelas costas porque evidentemente não está havendo um enfrentamento...a pessoa está DE COSTas...quer dizer a palavra já está dizendo [tudo

L. [e a ameaça que ela

Ofe[rece de costas

P. [exatamente...exatamente

Vê-se claramente nesse trecho de transcrição que no início, quando a apresentadora expõe o que houve, ela não toma um partido claro, embora pareça que ela está mais do lado do moço assassinado do que das justificativas da polícia. Porém, quando entram os comentários de Percival de Souza, fica claro que este tomou um partido completamente favorável ao assassinado. E é o que Charaudeau (2006) defende, pois para este o comentário não deve ter valor científico, porque dessa forma ficaria incompreensível ao público. Ele

ainda acrescenta que “[...] toda interpelação em nome de uma moral ou de uma causa, qualquer que seja sua extensão humana, implica tomar partido.”(p.183)

Quanto às características apontadas por Citelli (1985), vê-se que há um *trabalho com o emocional* na fala de Luciana quando ela diz que são pessoas simples que enfrentam esses tipos de situações: serem acusadas, e até baleadas nas costas por “suspeitas”. Quando ela diz que as mães indignadas pedem justiça, ela também apela para o emocional. Ela ainda usa o termo *morte indevida* para dar uma maior ideia de algo fora do normal. A partir disso, entra em questão uma outra característica apontada por Citelli (1985), que é o *trabalho com o inusitado*. O fato por si só já é inusitado e Luciana, e principalmente Percival de Souza, o tornam ainda mais inusitado pelo olhar que eles têm do fato: Luciana usa o termo “morte indevida”, que mostra a anormalidade do caso. Percival diz que é *injustificável* um tiro pelas costas. Ele, ao mesmo tempo em que apela para o emocional do espectador, deixa claro que se trata de um fato fora do normal, que em hipótese alguma deveria acontecer.

Como se pode ver, esse tipo de discurso não permite a resposta, a opinião do espectador. Trata-se de um discurso fechado, no qual um “eu” o domina. Portanto, pode-se dizer que há um caráter unidirecional da linguagem (CITELLI, 1985), pelo fato de haver essa dominância de uma voz discursiva.

Além dos recursos argumentativos, podemos analisar recursos suprasegmentais, que estão dentro dos estudos da análise da conversação (MARCUSCHI, 2007). Nesse caso, podemos destacar o tom de voz da apresentadora. Luciana destaca algumas palavras em detrimento de outras, como, por exemplo: “quinze”, “costas”, “indevida” etc. Essas palavras trazem uma carga semântica muito forte, pois quando ela ressalta “quinze”, refere-se à pouca idade do rapaz que foi baleado. Quando ela ressalta “costas”, revela seu estranhamento, sua indignação pelo fato de o tiro ser dado pelas costas. Quando ressalta “indevida”, ela está

ressaltando a qualificação que ela dá esse tipo de morte. Portanto essas palavras não são destacadas inconscientemente, por isso não podemos separar os elementos suprasegmentais da própria argumentação, ambos estão estreitamente ligados. O elemento suprasegmental selecionado nesse caso é o tom de voz, que por ser um tom exclamativo, alto, “alimenta” a própria argumentação.

Tendo tudo isso em vista, não podemos deixar de lado a ideia de Bakhtin (1979) a respeito do signo ideológico. Fica claro, então, que a língua não é um sistema abstrato de signos arbitrários, e sim algo vivo, com signos marcadamente ideológicos.

Em relação às pausas, que é outro elemento suprasegmental, estas são predominantemente pausas sintáticas. Porém, há algumas não sintáticas que dão ênfase a determinados elementos. Isso ocorre, por exemplo, quando ela isola “...ele era entregador de pizza...”.

Em relação ao apelo emocional, é possível fazer uma ponte com o que Abreu (2001) diz a respeito: ele afirma que o essencial para que realmente haja uma persuasão, é fazer com que o outro se envolva emocionalmente. Na reportagem, podemos notar que Luciana ressalta o fato de o menino assassinado ser um entregador de pizza, insinuando assim, o estado de pobreza do rapaz. Ressalta ainda, a idade, insinuando ser o rapaz muito novo para ser assassinado, “talvez” injustamente. “Talvez”, porque a apresentadora diz que não sabe se é esse o caso, porém ela diz que policiais para justificar uma “morte indevida”, dizem que a vítima estava com arma, com drogas etc. Portanto, ela quase afirma a inocência do garoto, argumentando pela emoção: um rapaz pobre, que estava apenas fazendo o seu trabalho... Depois, em relação aos familiares que querem justiça, ela diz:

são pessoas simples né Percival de Souza boa tarde pra você ((vira e cumprimenta o comentarista)) que enfrentam a:// o poder e a autoridade...de policiais militares...

O que ela quer mostrar nessa fala é que os pobres enfrentam a elite e, infelizmente, acabam perdendo a batalha. Podemos analisar, então, que seu discurso gira em torno da emoção. E para tornar essa emoção visível, pois, como já diz o ditado: “uma imagem vale mais do que mil palavras”, o programa mostra cenas de pessoas lutando por seus direitos, mães indo à corregedoria, reivindicando... As lágrimas de uma mãe que acabou de perder o filho persuadem até mais do que o discurso de Luciana e Percival. Neste caso, aplica-se a noção que Charaudeau (2006) chama de *visibilidade*: cenas convenientes à tese defendida são escolhidas para serem mostradas.

Passemos agora ao outro corpus de análise desta pesquisa.

Segue abaixo uma transcrição da fala Caetano Veloso a respeito do “analfabetismo” de Lula e da “má” escolha feita pelo povo brasileiro ao elegê-lo. Ele compara a situação, dizendo que em outros países “um analfabeto” não seria escolhido. Com isso, ele acaba insinuando que o povo brasileiro também é analfabeto por votar em uma pessoa que não faz o bom uso da norma padrão. Antes, há uma frase que diz respeito à candidata a presidência Marina do PV: “Ela é meio preta, ela é uma cabocla. Ela é inteligente como o Obama, não é uma analfabeta como o Lula que não sabe falar, cafona falando, grosseiro, não. Ela fala bem, escreve bem”.

Agora, segue a fala de Caetano Veloso em relação à escolha do povo brasileiro:

...eles eles idealizam a:: a fala do presidente por ser eh: semelhante àquela daqueles que não estudaram...eu não imagino com muita facilidade em outro lugar um presidente que nem sequer eh concorde os... artigos com substantivos que usa... se elegendo e tendo 80% de aprovação eu não imagino nem na Argentina nem na França nem nos Estados Unidos nem em Portugal eu não imagino...

Datena, em seu programa *Brasil Urgente*, dá a resposta, o seu protesto:

...e o seu preconceito é gritante o Caetano...quem é que você se acha um gênio...porque você ganhou um grammy...ou dois grammies ou três grammies?...você devia tá pastando grama ao invés de ganhar

Grammy...entendeu? porque o seu preconceito contra o analfabeto...é uma coisa simplesmente lastimável inaceitável insofismável...entendeu?...o que eu tinha de respeito por você como artista...eu perco pelo ser humano...você como ser humano é absolutamente zero...zero...zero Caetano Veloso...porque atacar o presidente da república federativa do Brasil é uma coisa...agora atacar multidões de pessoas que não têm estudo...porque até hoje as elites não deram estudo a essas pessoas...isso é um crime de lesa pátria meu amigo...entendeu?...bom e tem um outro lado também...ainda bem que as pessoas não...não têm muita cultura: pra não entender...algumas porcarias de músicas que você fez você fez coisas lindas...maravilhosas mas também fez umas porcarias... de músicas... que todo mundo acha que é legal porque é analfabeta...entendeu?...e ce pode ter certeza que muito analfabeto comprou disco seu pra você ganhar dinheiro velho...entendeu?...essa:/esse é o grande detalhe...e não to aqui defendendo o Lula porque eu to pouco me lixando também pu pro que o Lula acha ou não acha de mim...depois que ele foi eleito presidente da república encontrei o Lula uma vez em Santa Catarina na enchente...nunca fiquei babando ovo do Lula...nem fui em palácio do Lula...nem fui pedir nada pu Lula...e eu não tenho rabo e::::: e e e e e por isso que falo isso aqui...agora você sempre foi puxa saco de político...puxa saco de político...pros seus projetos culturais ou não...hã...as pessoas podem ser analfabetas mas são inteligentes...porque cultura não significa inteligência meu amigo...e você provou ser um homem de péssima qualidade no meu ponto de vista...péssima qualidade...ce quis atacar uma/a figura do presidente da república e atacou a maioria do povo brasileiro...isso é ridículo o que você fez...então em vez de Grammy pra você eu daria o troféu grama pra você ir pastar...que onde você devia ta...u/uma hora dessa

A transcrição de Datena a respeito de Caetano Veloso deixa às claras a “espetacularização da cultura no discurso” (GREGOLIN, 2003). Datena usa de um “discurso de consumo”, isto é, um discurso que “vende”, que dá ibope, que atinge os espectadores com seu espalhafato. Para defender o povo brasileiro, Datena usa de inúmeros adjetivos pejorativos contra a pessoa de Caetano, confirmando assim, o que Citelli (1985) afirma sobre as características do discurso dos justiceiros: Datena traz um assunto polêmico, confirmando o que Citelli diz a respeito do *inusitado*, pois para o justiceiro não interessam temas comuns, banais. Datena mexe com o *emocional* do público, pois tenta ser o “salvador” da imagem do

brasileiro. No entanto, embora Datena esteja “defendendo” o povo brasileiro, há uma certa *distância* (CITELLI, 1985) em seu discurso, pois percebe-se que o apresentador está mais preocupado em “xingar” Caetano do que em ser o defensor do povo. Por exemplo, Datena aponta para seu lado pessoal, ao se referir com a expressão “porcarias de música” às composições de Caetano. Em suma, seu tom de voz, sua ira, seus vários adjetivos estão acima da própria questão em si.

Em relação ao que foi dito acima, podemos apontar para as entonações e repetições de adjetivos, como se constatam na quinta linha, quando ele diz três vezes o adjetivo “zero”. Com esse vocábulo, podemos confirmar o que foi dito acima em relação à distância, pois quando Datena usa o termo “zero”, faz um apelo para o lado pessoal, pois ele mesmo diz “você como ser humano é absolutamente zero”. Com essa aversão de Datena por Caetano, pode-se observar que há mais um “xingamento” daquele por este do que uma defesa de valores culturais brasileiros.

Datena, em relação aos aspectos conversacionais, utiliza um marcador para manter a atenção de seu público espectador: “entendeu?”. Esse é um marcador conversacional verbal, como diz Marcuschi (2007). Os não-verbais são os marcadores suprasegmentais, como o tom de voz, que já foi apontado acima.

Todos esses aspectos citados acima definem o *ethos* (MAINGUENEAU, 2001) do *Brasil Urgente*. Este é um jornal que, ao mesmo tempo em que procura passar seriedade no que diz, oscila tal característica com o “ridículo”. As expressões utilizadas pelo enunciador, como, por exemplo, “pastar grama”, dão um tom de ironia, porém não é uma ironia para o divertimento, é uma ironia ruim, cujo efeito de sentido é o de um “humor negro”.

Datena, por meio de seu enunciado, “encarna” aquilo que ele evoca, (MAINGUENEAU, 2001, p. 100). Ao encarnar, ele torna o discurso sensível, fazendo com

que o espectador entre nesse sentimento de indignação a respeito do discurso preconceituoso de Caetano Veloso. Há então, uma incorporação por parte do enunciador sobre o assunto, e conseqüentemente, uma incorporação por parte do espectador que se sente na mesma condição de que querer “fazer justiça”, de colocar a “boca no trombone” e atingir o grande “vilão”.

Datena tem uma “corporalidade” de um “justiceiro”. Essa “corporalidade”, que é o modo de se movimentar no espaço social (MAINGUENEAU, 2001, p. 99), mostra um Datena “amigo” e “defensor” da grande massa, e “inimigo” das grandes elites: governo, policiais, enfim, os “opressores” do povo, imagens que o programa se propõe a mostrar.

CONCLUSÃO

Depois de uma discussão teórica acerca da persuasão no discurso dos justiceiros, e depois de ter comprovado nas transcrições dos programas como se dá essa persuasão, chega-se à conclusão de que, pelo fato de a persuasão se dar por meio da emoção, ela não depende daquilo que é real. Os fatos não são passados por si mesmos, com sérias comprovações. O que ocorre nesses programas são grandes discursos “comoventes” com cenas que chocam o público. Como foi analisado no programa de Luciana Liviero, esta não contou com fatos, com provas, e sim com presunções. Para atingir a grande massa, ela ficou do lado (digo ela, mas sabe-se que não somente ela, mas o programa) da mãe do moço, que representa a população pobre e injustiçada.

O mesmo ocorre com Datena, que quer passar a imagem de “defensor do povo brasileiro”, criticando assim o cantor e compositor Caetano Veloso por ofender a grande massa do país. Porém Datena apela para adjetivos pejorativos contra Caetano, e seu discurso

em determinado ponto acaba sendo mais para ofender Caetano do que para defender o povo brasileiro.

Quanto às diferenças de um discurso para o outro, pode-se concluir que enquanto Luciana fala de uma forma indireta, como por exemplo: “são pessoas simples que enfrentam o poder de policiais militares”, Datena fala escancaradamente contra Caetano, sem medir palavras e tom de voz. Em geral, seus discursos ferem diretamente a pessoa que ele quer atacar. Já Luciana ataca indiretamente. Isso fica muito claro, quando ela diz que “há policiais que para justificar uma morte indevida, fala que a pessoa estava com armas, drogas etc”, ou seja, ela não afirma logo de cara que esse determinado policial é o grande culpado, mas deixa essa questão para “incomodar” o espectador. E depois, ao jogar com imagens comoventes da mãe do rapaz chorando, convida o espectador a se sentir indignado com a dor da mãe.

Em relação aos recursos da análise da conversação, percebe-se que estes influenciam a persuasão: o tom de voz para enfatizar algo relevante, as pausas que dão destaque a determinadas expressões e até mesmo os marcadores conversacionais verbais, como as expressões para manter a atenção do público. Datena, por exemplo, tem o costume de manter seu público com a palavra: “entendeu?”

Tudo o que foi discutido sobre esse tipo de discurso persuasivo se comprova nas análises. Foi visto que o discurso dos justiceiros tem um caráter unidirecional da linguagem, já que um *eu* domina o discurso. Isso se comprova, pois o espectador que está do outro lado da tela é dominado emocionalmente pelo discurso, não podendo interagir com o enunciador. Foi visto ainda que os programas analisados trabalham com fatos inusitados, justamente para chamar a atenção do público, para fazer um apelo à emoção do espectador. Por isso, há ainda o trabalho com o emocional: tanto no discurso dos justiceiros – o tom de voz, os adjetivos utilizados, a expressão do rosto etc – como também nas imagens que são mostradas, que nem

sempre mostram toda a verdade do fato, mas sim apenas uma visão que o programa quer passar a fim de persuadir o público espectador.

Portanto, respondendo à pergunta desse projeto, pode-se dizer que há uma manipulação na construção da argumentação do justiceiro. Este passa o ponto de vista do programa, como já foi dito anteriormente: uma “visão tubular” dos acontecimentos. E isso é visível em qualquer discurso midiático.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 15 ed. São Paulo: Ática, 1986.
- DIONÍSIO, A.P. *Análise da Conversação*. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística. Vol 2.-* São Paulo: Cortez, 2001. p. 69-99.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1983.